

## 10. “Mãe de Jesus”

Na FORMA DE VIDA que deu às Irmãs em 1212, Francisco chamou-as de “esposas do Espírito Santo”. Como já tivemos oportunidade de ver, essa forma de vida tem um forte paralelo com a ANTÍFONA DE NOSSA SENHORA do Ofício da Paixão e com a CARTA AOS FIÉIS.

Nesses outros dois documentos, o santo mantém o “esposa do Espírito Santo” que, na Carta aos Fiéis, ele explica: “Somos esposos quando, pela ação do Espírito Santo, une-se a alma fiel a Nosso Senhor Jesus Cristo” (1CFi 8). Mas também diz que somos mães:

*“Somos mães de nosso Senhor Jesus Cristo quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo (cf. 1Cor 6,20), pelo amor divino e pela consciência pura e sincera; e o damos à luz pela santa operação, que deve iluminar os outros com o exemplo. Oh! Como é santo e dileto ter tal irmão e filho, agradável, humilde, pacífico, doce, amável e mais desejável do que todas as coisas: Nosso Senhor Jesus Cristo!”.*

Dessa forma, entramos em um dos grandes pontos da espiritualidade franciscana: o grande acontecimento, que é a encarnação de Jesus, continua a acontecer todos os dias, na Eucaristia e pelo nosso exemplo.

Queremos fundamentar este capítulo final de nosso trabalho numa comparação de Clara com a “Esposa do Espírito Santo” do Apocalipse: aquela que é Maria e que é o Povo, pois “desceu do céu como uma noiva vestida de sol, coroada de doze estrelas e com a luz embaixo dos pés”. Mas ela também era a Mãe, porque estava grávida. E com o Espírito Santo chegará ao fim da história como o Povo Esposa clamando: “Vem, Senhor Jesus! Vem!”

### 10.1. Clara como a Mãe de Jesus

Não é tão importante que ela venha “a ser no céu coroada como a Virgem Maria”, como diz o Cântico de Francisco “Ouvi, pobrezinhas!” O fato mais importante é que ela se reveste de Cristo, o homem novo, e que vai mostrando como continuar a dar à luz a imagem de Cristo que está em nós e em todas as pessoas, especialmente nos irmãos e irmãs mais próximos.

Dessa maneira, Clara pode ser vista na tradição das “ammás”, as mães espirituais do deserto. De fato, foi isso que ela recordou em sua bênção:

*“E as bênção em minha vida e depois de minha morte, como posso, com todas as bênções com que o Pai das misericórdias (cf. 2Cor 1,3) abençoou e abençoará seus filhos e filhas no céu (cf. Ef 1,3) e na terra, e com os quais um pai e uma mãe espiritual abençoaram e abençoarão seus filhos e filhas espirituais. Amém” (BSC 11-13).*

A Legenda de Santa Clara confirma essa visão em dois lugares:

*“Sigam os homens esses varões, novos discípulos do Verbo encarnado; as mulheres imitem Clara, vestígio da Mãe de Deus e nova guia das mulheres” (LSC, Prólogo).*

*Hoje, a Igreja rebrota feliz com essas flores geradas por Clara (...) (LSC 11). As filhas gratas por sua bondade correspondiam com toda a dedicação. Acolhiam o carinho afetuoso da mãe, (...) e admiravam na esposa de Deus a prerrogativa de uma santidade completa (LSC 38).*

É bastante interessante que Tomás de Celano, o primeiro biógrafo de São Francisco e autor da Legenda de Santa Clara, que em diversas oportunidades parece ser um misógino, tenha tido uma visão muito positiva do papel feminino da mãe, como observou Valéria Fernandes da Silva<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Celano abre possibilidades interessantes para o estudo dos discursos sobre o feminino na Idade Média, ao identificar seu biografado com um papel que é especificamente feminino. Pois se até então era comum nos autores eclesiásticos uma supervalorização da virgindade e uma depreciação das virtudes femininas, Celano simplesmente irá anular qualquer caráter pejorativo na maternidade em seus textos. Ele irá apresentar um Francisco revestido de uma virtude feminina, a maternidade, que em nenhum momento será dissociada desse aspecto fundamental e estabelecida como desprovida de diretivas de gênero.

A maternidade em Celano não é desprovida de gênero, assexuada como a alma para Santo Agostinho. Ao contrário, ela é elogiada naquilo que tem de feminino, que, nesse caso, não seria correspondente à incompletude ou ao mal. Nisso nosso autor irá se

São Paulo dissera: “Eu... vos gerei em Cristo Jesus (1Cor 4,25). Toda vida cristã, aberta para Deus, manifesta-O e é portadora de vida. Quem faz isso está na maior união com Cristo e gera outros Cristos. O que São Francisco diz na *Carta aos Fiéis* é uma outra maneira de falar dos Esponsais e de Esposo-Esposa: falar de como estamos ajudando os outros a serem outros Cristos e nos tornando nós mesmos outros Cristos. Todo ser humano vindo a este mundo – se souber olhar pela perspectiva do Evangelho – saberá que precisa fazer nesta vida um *Processo de Cristificação*. É assim que se une a Deus.

Ser mãe de Jesus Cristo é algo parecido com “optar por uma vida de acordo com o Evangelho”. São Francisco usou essa expressão na *Forma de Vida para Santa Clara*, que é idêntica à sua *Antífona de Nossa Senhora* onde, no mesmo lugar, ele coloca “Mãe de Jesus”. Em outras palavras, “viver o Evangelho” não é apenas pautar-se por orientações dadas por Jesus e contidas nos quatro livros dos Evangelistas; viver o Evangelho é ser um outro Cristo, é desenvolver o Cristo de si mesmo e ajudar a nascerem e crescerem os Cristos que estão em todas as outras pessoas. É por isso que Francisco e Clara, pessoas sem formalismos e sem rigorismos, têm uma veneração tão profunda pelas suas *Regras*. Não as viam como estatutos: eram uma forma de ser mães de Jesus e de saber ser filhos.

Ser mãe não é apenas gerar, gestar e dar à luz. Tudo isso é estupendo, entretanto, mais importante ainda é saber fazer com que os filhos se sintam totalmente bem acolhidos. Também é saber acompanhar desde os primeiros passos para que cada um realize em sua vida o que Deus sonhou para ele. Nosso próprio apostolado perde o sentido quando, mesmo anunciando com bastante propriedade a Palavra de Deus, esquecemos de ter a melhor compreensão materna para que o Cristo de cada um possa ser bem acolhido, possa crescer e amadurecer.

## 10.2. Divinizar o humano e humanizar o Divino

Em Maria está “toda a plenitude da graça” (SdVM). Ela é a fonte cons-tante da graça porque sua intimidade única com a Trindade faz dela uma fecundidade espiritual permanente.

Eva, com Adão, “quis ser como Deus”. Nós somos Adão e Eva que nos perdemos nessa aventura porque rejeitamos Deus. Maria tornou efetiva uma dimensão divina que já tínhamos uma vez que fomos criados “à ima-gem e semelhança de Deus”, mas que, na prática, estava sem efeito pelo afastamento da soberania de Deus.

Maria não se tornou deusa. Foram as suas atitudes de ser uma filha re-conhecida do Pai, uma esposa consciente do Espírito Santo e a mãe con-creta de Jesus que lhe deram a dimensão do divino que nos elevou a uma vida sobrenatural. Dessa maneira, ela manifestou a ternura de Deus em uma forma humana, permitindo que nela enxergássemos a ação do Espírito Santo.

Para Deus, Maria é o humano. Para nós, Maria é uma visão do divino. Mas nela há um grande intercâmbio entre o divino e o humano. Nossa Senhora demonstra como Deus é terno e amoroso. Não muda Deus: muda nossa experiência de Deus.

Em geral, costumamos apresentar uma religião longínqua e muito inte-lectualizada. É preciso ter uma fundamentação solidamente doutrinal, mas uma comunicação bem fácil, alegre e concreta. Sem fazer antropomorfias de Deus, temos que ver e demonstrar como nosso Deus, tão teórico e distante para muitos, pode ser humanizado. Precisamos lembrar que as próprias palavras Javé, Jesus, Emanuel e Paráclito induzem a ver a presença de Deus no humano.

aproximar, de certa forma, de Juliana de Norwich, mística e reclusa inglesa, que no século XIV irá associar Jesus Cristo à figura materna, atribuindo-lhe qualidades até então tidas como femininas.

Ao valorizar a maternidade, estado que estava associado ao pecado e a uma vida no *saeculum*, valorizando a Maria-Mãe em detrimento da Maria Virgem, um maior número de mulheres puderam se reconhecer nos exemplos dados por Celano. Cumprindo de certa forma seu papel pedagógico, de hagiógrafo, suscitando a piedade, a penitência, a devoção e uma vida norteada pelos princípios da *vita vere apostolica*.

Clara representa não só a mãe das Damas Pobres, como também é filha espiritual de Francisco. Da mesma forma, ela seria identificada com a Mãe de Deus, por ser mãe simbólica e por ser virgem, mas também seria a esposa do Cristo. Ela é mãe, filha, esposa, virgem; a materialização de Maria de acordo com os moldes franciscanos.

VALÉRIA F. DA SILVA, A mãe como modelo de espiritualidade: discutindo o papel da maternidade nos escritos de Tomás de Celano, in *Hagiografia e História*, organizado por Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Rio de Janeiro 2008.

Nossa Senhora deu a Jesus Cristo traços, gestos, atitudes, entonação... deu-lhe uma natureza humana verdadeira. É preciso lembrar que Nossa Senhora não acolheu apenas a semente do corpo de Jesus. O Concílio Vaticano II ensinou, na *Lumen Gentium*, que Maria Santíssima recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo (LG 53). E abriu para nós — por obra de Deus, é claro — a possibilidade de continuar humanizando o divino e divinizando o humano.

A *Lumen Gentium* também ensina que Nossa Senhora não foi mãe e também virgem, mas foi uma Mãe virginal porque sua maternidade divina foi certamente de ordem física mas, antes de tudo, foi “uma concepção no coração pela fé” (LG 63). A virgindade no corpo foi apenas um *signal*, um *sacramento* da sua virgindade no coração. Que é isso? O fato de ser só de Deus, sem deixar de ser humana. Aliás, sendo até mais plenamente hu-mana.

Quando São Francisco a saúda como “Virgem feita Igreja” mostra-nos que também nós temos essa virgindade na fé, que prestamos ao Esposo. Imitando a Mãe de seu Senhor, pela virtude do Espírito Santo, a Igreja conserva virginalmente uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma sincera caridade (LG 64). “Como por ela era piedosamente movido para todas as criaturas, especialmente, porém para as almas remidas pelo precioso sangue de Cristo, quando as via manchadas por alguma sujeira de pecado, deplo-rava com tanta ternura de comiseração, que todos os dias dava-as à luz como uma mãe em Cristo” (LM 8,3).

Nós temos o papel de ajudar as pessoas a serem mais humanas: é assim que Deus vai continuando a se encarnar

### 10.3. Levar Jesus no coração e no corpo

Santa Clara tem algumas preciosas passagens de suas cartas em que também ensina como ser mãe de Jesus:

“Falo do Filho do Altíssimo, que a Virgem deu à luz permanecendo virgem depois do parto. Prenda-se à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal Filho que os céus não podiam conter, mas que ela recolheu no pequeno claustro do seu santo seio e carregou no seu regaço de menina” (3CtIn 17-19).

“Assim como a gloriosa Virgem das virgens o trouxe materialmente, assim também você, seguindo seus passos, especialmente os da humildade e pobreza, sem dúvida alguma poderá trazê-lo espiritualmente em um corpo casto e virginal. Você vai conter quem pode conter você e todas as coisas, vai possuir algo que, mesmo comparado com as outras posses passageiras deste mundo, será mais fortemente seu” (3CtIn 24-26).

Levar no coração e no corpo é celebrar o fato de que somos imagem e semelhança, somos palavras originais e filhos adotivos, somos outros cristos.

### 10.4. Dar à luz pela santa operação

Com muita beleza e mestria, Clara usa diversas vezes a imagem bíblica do espelho que, para ela, é Jesus. Ser espelho é uma expressão freqüente na literatura mística da Idade Média, como podemos encontrar em São Ber-nardo, Guilherme de Saint-Thierry e nas místicas da “Brautmystik”. Nós a encontramos nas Cartas e no Testamento de Santa Clara. As citações são as seguintes:

“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória” (3CtIn 12).”

“Pois é o esplendor da glória eterna, o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha. Olhe dentro desse espelho todos os dias, ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto” (4CtIn 14-15).

“Pois nesse espelho resplandecem a bem-aventurada pobreza, a santa humil-dade e a inefável caridade, como, nele inteiro, você vai poder contemplar. Preste a atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi colocado no presépio” (4CtIn 18-19).

“No meio do espelho, considere a humildade, ou, pelo menos, a bem-aventurada pobreza, as fadigas sem conta e as penas que suportou pela redenção do gênero humano” (4CtIn 22).

“E, no fim desse mesmo espelho, contemple a caridade inefável com que quis padecer no lenho da cruz e nela morrer a morte mais vergonhosa. Assim, posto na árvore da cruz, o próprio espelho advertia quem passava para o que deviam considerar” (4CtIn 23-24).

“Pois o próprio Senhor colocou-nos não só como modelo, exemplo e espelho para os outros, mas também para nossas irmãs, que Ele vai chamar para a nossa vocação. Para que também elas sejam espelho e exemplo para os que vivem no mundo. Portanto, se o Senhor nos chamou a coisas tão elevadas que em nós possam espelhar-se as que deverão ser exemplo e espelho para os outros” (TestC 19-21).

Há uma coincidência em toda esta utilização da simbologia do *espelho*. Sempre se usa para indicar algo profundo que tem que recorrer a tal simbologia para expressar alguma coisa além da realidade em si. Isso se chama *sacramentalidade*. Cristo, Francisco, as Irmãs... são um sacramento em que Clara se espelha ou para quem ela é espelho. Precisamente, em um excelente artigo sobre esta questão, Dino Dozzi traçou esta linha de compreensão do “espelho de Clara” como *sacramento de uma presença*. Diz Dozzi que, nos Escritos de Clara, o espelho se refere a realidades diversas, mas sempre se trata de pessoas: Cristo, Francisco, Clara, Inês, as primeiras Irmãs, as Irmãs futuras. Os diversos “espelhos” de que Clara fala estão relacionados até ser um sacramento, sinal e instrumento do outro, e assim até chegar ao Espelho por antonomásia que é Cristo.

Também se pode sublinhar a reciprocidade da presença que está por baixo. Este espelho torna Cristo presente para Clara, mas também Clara para Cristo e para si mesma; torna presente Francisco para Clara, mas também Clara para Francisco; torna presente Clara para Inês, mas também Inês para Clara; torna presente Clara para as primeiras irmãs. O espelho como sacramento de uma presença cria contemporaneidade, horizontes profundos, faz de todos, para além de qualquer barreira cronológica, uma só família. Deste modo, quem se ensimesma no Espelho de Cristo Esposo, quem se reflete no espelho fraterno do amigo do Esposo (Francisco), convida Inês e as Irmãs a ser por sua vez “espelhos vivos”, isto é, sacramentos de outra Presença para elas mesmas, para as Irmãs que virão no futuro, para todos que puderem aproximar-se do mosteiro.

Mas essa sacramentalidade exemplar (*speculum et exemplum*), não se refere unicamente a uma convivência sadia, bela e amável no recolhido claustro damianita. Há uma exemplaridade que se explica pela missão eclesial que Clara e as Irmãs receberam, e que, portanto, tem uma projeção apostólica a partir desse mesmo *locus charismaticus*. Aqui torna a aparecer o paralelismo entre Santa Clara e São Paulo. O apóstolo, que falou em ser “espelho da glória do Senhor”, ele que se espelhou em Cristo até ser nele também transformado, disse igualmente que completava e supria o que faltava no Corpo de Cristo, e que considerava os irmãos das diversas comunidades fundadas por ele como “colaboradores” em Cristo. Esse é o teor das palavras de Clara a Inês a respeito da intercessão em favor da Igreja: “Eu a considero, num bom uso das palavras do Apóstolo, auxiliar do próprio Deus, sustentáculo dos membros vacilantes de seu Corpo inefável” (3CtIn 8).

### 10.5. Com Maria na missão da Igreja

A contemplação esponsal de Clara e das Irmãs não era uma piedosa fuga de todos os dramas em que os membros do Corpo inefável de Deus podem cair. É um binômio entre contemplação esponsal e missão eclesial, que não só não se opõem, mas se exigem reciprocamente. “A contemplação está unida à missão, pois na medida em que se realizou o que é Deus, e se experimentou até que ponto o fato de conhecer e amar a Deus é constitutivo de um humanismo total e de uma existência completa, nessa medida se sofre e fica surpreso de que Deus não seja conhecido e não seja amado”. Por isso podemos afirmar que a delicada, profunda e extensa contemplação esponsal de Clara, permitiu-lhe entrar em comunhão missionária com todos os “gemidos” da humanidade e da Igreja, nos membros que vacilam e caem (*cadentium membrorum*).

Esse ardor missionário de partilhar as dores do Corpo de Cristo, levou-a a curar doenças de Irmãs ou de outros que iam a São Damião com sofrimentos físicos, psíquicos, e mesmo morais.

E houve outro testemunho eclesial muito concreto: quando os “membros que vacilam” não eram os enfermos de males físicos, psíquicos ou morais, mas os próprios pastores que demonstravam fraqueza diante de sua missão. Era ao testemunho da hierarquia da Igreja que esta mulher, esposa de Cristo, atendia, para sustentá-los em sua missão dentro e à frente da Igreja, esposa de Cristo também.

Hugolino nos dá testemunho disso, tanto quando era cardeal, como quando foi eleito Papa. São dois textos cheios de agradecimento e afeto para com a esposa Clara, em quem se reconhece como irmã e mãe:

“À caríssima irmã em Cristo e mãe de sua salvação, dona Clara, serva de Cristo, Hugolino, ostiense, indigno e pecador, recomenda-se em tudo que é e pode ser [...] Entrego-lhe minha alma e lhe recomendo meu espírito, para que, como Jesus entregou o espírito a seu Pai na cruz, você também responda por mim no dia do juízo, se não tiver sido solícita e atenta por minha salvação. Estou certo de que conseguira do sumo Juiz tudo que pedir com insistência de tanta devoção e abundância de lágrimas”.

“À diletta filha abadessa e à comunidade das monjas reclusas de São Damião de Assis... [...] como, no meio das numerosas amarguras e infinitas angústias que sem cessar nos afligem, vós sois nossa consolação [...] fareis com que Deus seja glorificado em vós e nos encheis de gozo, pois vos abraçamos com íntimo amor como filhas prediletas, ou melhor, se podemos dizê-lo, como senhoras, pois são esposas de nosso Senhor. Mas porque, como confiamos vos fizestes um só espírito com Cristo, pedimos que em vossas orações, lembrando-se sempre de nós, eleveis as piedosas mãos ao céu, suplicando insistentemente que Aquele que sabe que nós, colocados no meio de tantos perigos, não podemos agüentar por nossa fragilidade, nos dê força por sua virtude, conceda-nos dar conta tão dignamente do ministério que nos confiou que redunde em glória para Ele, alegria para os anjos e salvação para os que foram confiados ao nosso governo”.

A relação de afeto do Pastor Supremo da Igreja ficou marcada também em uma chave esponsal na carta circular que o cardeal Reinaldo enviou nesse mesmo ano de 1228 (datada em 18 de agosto), para comunicar a nomeação do novo visitador e assistente das damianitas (precioso documento em que temos um primeiro elenco dos mosteiros das origens clarianas): Frei Filipe Longo. Mas no curso da carta, se diz explicitamente o que as Irmãs significavam para o Papa: “Ele fez seu vigário na terra aquele que era vosso pai e senhor, cujo amor por vós não sofre o desgaste da diminuição, pois consegue crescer todos os dias. De fato foi oportuno e conveniente que o Vigário de Cristo Esposo, pastor e bispo do rebanho universal do Senhor, também se ligasse por amor perpétuo às adolescentes em cujo amor castíssimo apóia-se o Esposo”.

Podemos ver nesse relacionamento entre o Papado e Clara o que o teólogo H.U. Von Baltasar aplicava ao relacionamento a Igreja e Maria:

“Em Maria a Igreja tomou corpo antes de se organizar em Pedro. A Igreja é primeiro feminina, e esta prioridade é uma constante que subsiste quando recebe seu complemento masculino no ministério eclesialístico [...] E só para que não se esqueça dessa feminilidade primordial, só para que seja sempre receptáculo e não possessiva e dispositiva, incrustou nela o ministério masculino, que representa o Senhor administrador da Igreja, sempre dentro dos limites de sua receptividade feminina”.

Neste sentido há uma complementaridade entre Instituição e Carisma, entre Pedro e Maria, entre Gregório IX e Clara. Devemos dizer que Santa Clara representou para seu mundo e para sua Igreja esse *espelho* em que se podia reconhecer a ternura e a bondade de Deus, precisamente porque ela se espelhava no Espelho de Deus, até ser transformada nele.

Essa foi à missão clariana a partir de uma contemplação esponsal: aproximar ao homem concreto, ao mundo concreto, à Igreja concreta o rosto de um Deus Esposo, amante, doce e luminoso, para todas as amarguras e escuridões que pode haver nos membros desse grande corpo que representa a humanidade e a Igreja. A partir da Igreja, e em filial e real comunhão com ela, Clara foi *speculum et exemplum*, ícone vivo do que Deus quer de todos seus filhos. Ela mostrou assim uma pequena porção de terra (porciúncula) em que verdadeiramente se vivia como cristão. São Damião tornou-se desse modo um lar aberto para todos: pobres, enfermos, frades, prelados. Cada qual em sua medida ou necessidade, encontrou em São Damião a benção

e a luz que Deus repartia pelas mãos daquela que foi esposa para Cristo, e mãe e irmã para todos os que nele amou.

“Filha bendita, como a língua do corpo não pode expressar melhor o afeto que tenho por você, peço que aceite com bondade e devoção isto que eu escrevi pela metade, olhando ao menos o carinho materno que me faz arder de caridade todos os dias por você e suas filhas” (4CtIn 36-37).

Ao finalizar toda esta nossa consideração, é bom recordar um pensamento que encontramos ao estudar Orígenes:

Como o Pai gera eterna e continuamente o Filho, o Filho é concebido de modo permanente na alma do crente através de uma vida santa, com boas ações, até chegar à bem-aventurança de uma estreita união com o Filho, em que poderá gozar da visão do Pai como o próprio Cristo o vê. É o ponto alto de um caminho sponsal: chegar à mais completa transformação na-quele a quem amamos.

A alma chega à perfeição quando pode cantar com a Esposa.